

Professora Anete Ferreira, historiadora de Pedro Teixeira

História do 'curuiacatu', o homem branco bom

Como se interessou por este tema, tão desconhecido na história de Portugal e do Brasil e que é o percurso do navegador Pedro Teixeira, o primeiro a chegar à Amazónia e a tornar este território parte do Brasil?

Sou paraense, natural de Belém do Pará, e quando cheguei a Portugal percebi que nada se conhecia sobre a Amazónia e sobretudo sobre Pedro Teixeira. Então comecei a aprofundar as investigações para poder dar um maior conhecimento aos portugueses, pois acho que é fundamental saberem quem é o Pedro Teixeira. As pessoas dizem que eu sou empolgada em relação ao percurso de Pedro Teixeira porque eu acho que ele foi um homem de uma coragem fantástica, de uma bravura que Portugal tem em débito com este navegador.

Ele chegou ao Brasil no séc. XVII, que eu considero ser o século de Pedro Teixeira porque ele chegou no início do século, em 1608, a Pernambuco, e depois foi chamado para integrar os componentes da batalha para expulsar os franceses - 1615 - de São Luís do Maranhão. Portugal sai vitorioso e, pela sua coragem e luta, Pedro é chamado a integrar a comitiva de Francisco Caldeira Castelo Branco, que organizava uma expedição para fazer a descoberta da Amazónia, justamente Belém do Pará, que é considerada a porta de entrada da Amazónia.

Pedro Teixeira era um simples soldado, um alferes, e foi como alferes que ele integrou a comitiva de Francisco Castelo Branco. Ao chegar ao Pará, dá-se a fundação da cidade em 1616, mais uma conquista para Portugal. Ele foi o escolhido pelo governador e fundador da cidade, Francisco Castelo Branco, para voltar a São Luís para comunicar o êxito da viagem ao governador. Fez todo o percurso a pé, entre Belém e São Luís, e para isso convoca dois soldados e os índios, que vão abrindo caminho. Este é o primeiro trabalho de Pedro Teixeira, de demarcação. Ele fez a demarcação do território entre Belém e São Luís por terra.

No retorno desta viagem já foi com outros militares, veio por via marítima. Levou muita artilharia, uniformes e muitos objectos para distribuir pelos colonos e os índios, como prendas, lembranças. Em seguida Pedro Teixeira integra o grupo que organiza o escudo de Belém, para marcar a fundação de Belém como pertença de Portugal, ao lado de

António Abreu e Chichorro. Quando se dá a construção do forte do castelo, o governador soube que havia estrangeiros em Gurupá e Pedro Teixeira é escolhido para comandar uma expedição para a expulsão dos holandeses, o que Pedro consegue fazer.

Em 1626, aconteceu algo estranho, ninguém passava de Gurupá. Até que chegou um frade de Lisboa e Pedro convida-o a ver o que havia para lá de Gurupá. Então o governador organiza uma descida (em linguagem colonial, significa trazer os índios para ser catequizados, trabalhados em casa dos colonos, digamos mesmo escravizados). Essas expedições eram sempre comandadas pelo militar e por um missionário, que era uma figura que impunha muito respeito quando os nativos o viam. Eles foram os dois, acompanhados por uma tropa de militares e índios (os índios tinham que fazer sempre parte destes grupos porque só eles conheciam os segredos dos rios e o tempo das marés) e descobriram o rio Tapajos. Pedro e o frade vão até ao cacique e dizem qual é a finalidade, deixando os militares de retaguarda, para o caso de ser necessário intervir em caso de algum problema. É assim que Pedro Teixeira se torna no descobridor do rio Tapajos.

Desta forma voltaram sem nenhum tipo de problemas, sem nenhuma animosidade ou exigência porque a tribo que lá se encontrava – tapajos e índios borari – não foi hostil e por alguns já conheciam o frade de outros locais do Brasil.

De seguida participa de outras batalhas, sempre comandando a expulsão de estrangeiros: franceses, ingleses....mas numa batalha contra os ingleses Pedro saiu bastante ferido, tendo de ser tratado no local com a medicina alternativa dos índios, o que o salvou. Em 1632, Jacome de Noronha, o militar, é destacado para ir expulsar os estrangeiros que se encontravam na foz do rio Amazonas e convida Pedro Teixeira para o acompanhar, pois já conhecia o caminho. Jacome foi além de Pedro Teixeira e incendiou os navios e os estrangeiros que fugiram foram descobertos e mortos.

Na realidade o seu livro fala da expedição de Pedro Teixeira, mas na verdade temos, não uma, mas várias expedições ...

Exactamente, esse trabalho que fiz agora ‘Um Português ao Serviço da Amazônia’ tem todo o percurso dele. E também no trabalho ‘A Jornada de Pedro Teixeira’ fala de toda a evolução de cada batalha e expedição em que ele participou.

O tempo foi passando e os índios expulsam uma expedição de padres espanhóis na foz do rio Amazonas. Uns morreram, outros fugiram, mas dois destes padres decidiram

descer o rio e chegaram a Gurupá e daí foram enviados para Belém do Pará. O governador achou por bem que estes padres fossem ouvidos por Jacome de Noronha, que na altura já era o governador do Maranhão e conhecia todo o trabalho de Pedro Teixeira. Já em São Luís do Maranhão, os padres são entrevistados, dizem porque ali estão, mas são indicados para voltarem numa expedição. Pedro Teixeira é chamado para conquistar o resto da Amazónia, até ao Peru, e ele aceitou. Então um dos padres que veio na água foi servindo de guia, voltando até ao Peru.

Nessa expedição vai um grande número de índios, cerca de 1200, porque se explica que um número tão grande quisesse, na altura, integrar esta expedição?

A tribo tupinambá tinha o desejo de alcançar a terra onde não existiam males, animosidades e onde as pessoas não morriam. Justamente quando Pedro Teixeira parte, ainda sem saber o caminho, convida-os e eles aceitam, tendo um grande apoio da parte deles. Formada a expedição Pedro Teixeira volta a Belém e a Câmara não aceita a expedição por considerar que era muito perigosa. Pedro não se deu por vencido e voltou para acabar a construção das canoas e organizar a expedição e partiu. Esta expedição sai de Gurupá a 28 de Outubro de 1637, passa Belém do Pará e chega à foz do rio Amazonas.

Este percurso de ida é muito bem recebido pelo rei do Peru e quando lá chegam são recebidos com uma grande manifestação por ter sido um português a subir o rio Amazonas. Pedro Teixeira entrega o mapa da região e a relação, uma anotação de tudo o que ele ia vendo: viu umas ilhas desertas a que deu o nome ilha das areias; viu outras ilhas que chamou de Santa Luzia. Quando chegou ao Peru já tinha uma cartografia construída, de fauna, de flora, de etimologia e economia. Entregou-a ao rei do Peru e este enviou para Espanha, porque estávamos sobre a coroa ibérica.

Quando chegou a Madrid, a Companhia das Índias pede que Pedro Teixeira seja castigado por ter chegado ao Peru sem ter pedido autorização. Contudo, D.Filipe, ao ler a relação que Pedro Teixeira fez, considerou que este empreendeu uma grande viagem de mais-valia para a coroa ibérica. Pedro Teixeira regressa para Belém e é recebido com inúmeras festas e manifestações. No regresso ele levava uma carta lacrada de Jacome de Noronha que dizia que ele tinha que fazer a demarcação da possessão portuguesa e deixar o marco na localidade. Quando regressa, na fronteira, tem o acto de posse, o escrivão transcreve e ele diz que tomava posse da terra em nome de Espanha mas que

era para Portugal. Isto criou muita confusão e desentendimento e ficou o registo de tudo para Portugal.

Como é que se explica que, em época de coroas unificadas entre Portugal e Espanha, que um navegador decida reivindicar o território para um país que era o seu – Portugal – à revelia da decisão do rei?

Desde o Tratado de Tordesilhas, em 1494, que se falava da divisão do mundo, entre Portugal e Espanha. Desde aí que Portugal ia tomando posse das novas terras descobertas, eram 370 léguas além do mar, segundo o Tratado de Tordesilhas, e Portugal prevaleceu-se disso. Sobretudo com auxílio das missões religiosas. Assim, quando Pedro Teixeira faz este pronunciamento, era nada mais nada menos que para Portugal. A sua viagem de regresso dá-se em Dezembro de 1639, estamos a comemorar os 370 anos do seu regresso. Nesta altura Pedro Teixeira já tinha demarcado todo o território que permanece, até hoje, para Portugal.

Como era há 370 anos a aventura de subir o rio Amazonas?

Era uma aventura de muita coragem, como os exploradores portugueses tiveram. Eram homens que não temiam nada e que obedeciam corajosamente ao rei fazendo o seu trabalho sem constrangimento porque estavam a servir a coroa, a pátria. Tanto assim é que a Amazónia era portuguesa e D.Filipe manda dividir a Amazónia do Brasil porque as comunicações eram difíceis. Assim ficou a Amazónia portuguesa e o Brasil, cujas comunicações eram raríssimas.

A Amazónia só comunicava com Lisboa e era de lá que recebiam as ordens. É só quando acontece esta viagem que Portugal toma conhecimento do que era a riqueza da Amazónia, do que eles tinham conquistado e lhes pertencia. Pedro Teixeira notabilizou-se por esta viagem e a sua chegada a Belém ficou marcada por manifestações de todos pela sua viagem. Os índios gostavam muito dele porque já o conheciam. Dizem que houve uma saída em que ele matou índios, mas isso foi uma saída em que ele foi com Bento Maciel Parente, um governante que tinha um grande desejo em exterminar os índios. Mas houve baixas de ambos os lados, houve sucessos de ambos os lados, quer dos portugueses quer dos colonos. Isso era uma dualidade, não se podia dividir o que era bom e mau.

Como é que os índios chamavam a Pedro Teixeira?

Era ‘curuiacatu’, homem branco bom.

Quando regressa da viagem pára em Santarém para descansar com a tribo tapajós. Claro que a expedição não voltou completa. Os índios que não conseguiram alcançar o lugar que procuravam ficaram desiludidos e decidiram não voltar. Apenas voltaram uma centena e tal: militares, alguns índios e os frades, que ele pediu no Peru para o acompanharem para fundar a ordem dos mercedarios, em Belém e em São Luís. Não há uma estatística de baixas, não sabemos quantos morreram efectivamente. Sabe-se que os índios desertaram, e que eram a maioria dos que compunham a expedição. Quando Pedro Teixeira regressa é nomeado interventor, e mais tarde governador, cargo que manteve ate Maio de 1641, ano em que morreu (Junho).

Principais perigos da Amazónia naquela altura?

A febre, as doenças próprias do clima tropical, os insectos e a flora virgem que assustava a maioria das pessoas. Dai que os índios eram a peça fundamental para acompanharem qualquer trabalho.

Pedro Teixeira já não regressa a Portugal?

Já não regressa. Ele manifestou o desejo de regressar em 1640 e estava a planear voltar. Acontece que se deu a independência e Pedro estava já muito desgastado, com a idade e todo o trabalho que fez e que deu para Portugal. Morreu em Belém do Pará e foi sepultado na igreja de Nossa Senhora das Graças, uma capela dentro do forte do presépio mas construída de taipa e pilão. Quando a chuva lá entrou, com a subida das águas, os restos mortais de Pedro foram descobertos e depois sepultados debaixo do altar-mor na catedral de Belém, uma informação que vou confirmar agora.

Deixa descendência?

Segundo eu sei, verbalmente pois não há documentação, existe uma família em São Mamede que afirma ser a 8ª geração de Pedro Teixeira. Ele foi casado duas vezes, com duas moças descendentes dos Açores e a sua descendência conhecida deixou lá: a sua filha Maria Teixeira e uma neta, que inclusive pediu uma cismaria, no final do século XVII, sendo-lhe concedida essa cismaria e no documento diz: “é concedida à neta de Pedro Teixeira, o conquistador da Amazônia”.

A probabilidade de existir descendência é maior no Brasil do que em Portugal?

Exactamente. Apesar desta família portuguesa afirmar ser descendente, não há documentos que o provem. Eu agora vou tentar aprofundar isso e fazer uma árvore genealógica. Já houve uma tentativa de se fazer, mas esbarra-se nesta família, porque não há forma de confirmar a sua filiação. Mas espero consegui-lo em Pernambuco.

Como se explica que seja um herói tão desconhecido?

Acredito que Pedro Teixeira é desconhecido em Portugal e no Brasil, porque na Amazônia ele é muito conhecido, sobretudo em Belém do Pará. Penso que não houve uma preocupação de Portugal em zelar pelos seus heróis, o que lamento muito. Você também não houve falar de Raposo Tavares, um homem que subiu de São Paulo até a Amazônia, demarcando todo o território. Não sei se compete às autoridades, ao conselho de cultura da educação ou aos militares, porque ele foi um militar, lembrar esta personagem. Não percebo porque não há um tributo a esta figura que foi Pedro Teixeira.

O seu trabalho aqui em Portugal tem sido muito a divulgação desta figura nas escolas, do seu percurso e história. Como acontece a sua vinda para Portugal e esse livro que publicou, uma das poucas obras sobre este navegador? Como é a sua vida nestes anos que está em Portugal?

A minha vinda para Portugal foi para fazer um curso na universidade, que infelizmente não se realizou porque não havia o número necessário de inscitos. Nessa altura já estava a fazer palestras no Rotary e fui convidada a fazer uma palestra sobre a Amazônia pelo Centro Nacional de Cultura. Aí começaram os meus passos neste sentido e depois de ser apresentada às autoridades daqui descobri que eles tinham muito

interesse sobre a história da Amazônia. Eu, apaixonada, nascida e criada na Amazônia, tinha que dar a conhecer a Amazônia aos portugueses. Então fui desenvolvendo os meus trabalhos e chegou a Expo'98. Nesta altura a embaixada ia ter um dia dedicado à Amazônia e eu fui chamada para uma entrevista, na qual disse que o que estava a trabalhar era numa apresentação sobre Pedro Teixeira. Pediram-me para desenvolver a ideia e apresentá-la na palestra sobre Pedro Teixeira, que foi muito bem sucedida. Nesta altura já estava em composição a Comissão dos Descobrimentos Portugueses para a comemoração dos 500 anos da descoberta do Brasil. É constituído o Comissariado para este programa e eu fui chamada a publicar a minha palestra sobre Pedro Teixeira, porque nas comemorações dos 500 anos houve a publicação de muitos livros. Entretanto coincide a viagem do Presidente Fernando Henrique Cardoso a Portugal, onde é assinado um acordo bilateral das Comissões para as Comemorações dos 500 anos do Brasil. Assim todos os projectos brasileiros foram para o Brasil, o meu inclusive. Foi aprovado, inserido nas comemorações dos 500 anos e lançado em Portugal. Teve uma ótima aceitação, a edição está esgotada. Mas eu continuei com o trabalho sobre Pedro Teixeira e propus-me a apresentá-lo nas escolas. Desta forma comecei a ter mais contacto com as Câmaras, sobretudo a Câmara de Cantanhede, a terra de Pedro Teixeira. Nesta altura o produtor e o realizador viram o livro e, já tendo na ideia fazer algo sobre Pedro Teixeira, fizeram o documentário sobre a grande exposição de Pedro Teixeira, da qual eu sou a conselheira histórica.

Acompanhou as filmagens?

Não acompanhei, mas indiquei as pessoas para prestarem depoimentos. Eu fiz o contacto e eles foram para lá recolher os depoimentos.

Na sua opinião, olhando a distancia de 370 anos, e sendo a amazónia um património indiscutível de toda a humanidade, qual considera ser o impacto que esta aventura com mais de três séculos tem no futuro da humanidade. Como estabelece esta ponte entre passado e futuro?

O título do meu livro é ' A Expedição de Pedro Teixeira: a sua importância para Portugal e o Futuro da Amazônia. A Amazônia hoje é muito divulgada no mundo, como pulmão do mundo. Eu sempre acreditei que a Amazônia tem muito potencial, mas isto

ficou muitos anos em silêncio. E hoje está um pouco degradada, não tanto pela imensidão que é, 60% do território do Brasil. A grande vantagem que eu acho que existe é que ela está intacta desde a demarcação do território. Aquela extensão territorial que os portugueses formaram permanece até hoje. E tivemos um acréscimo que foi o Acre, que era território português, que foi integrado na amazónia. Toda esta extensão de amazónia é uma grande valia e precisa ser estudada com atenção, perfeição para não acabar com aquela riqueza. Hoje sabemos que com as queimadas, a invasão dos madeireiros, muita coisa foi destruída e extinta e nunca havia sido catalogada. Só espero que surja um governante que reúna toda a informação sobre a Pan-Amazónia (chama-se assim porque a um determinado momento você não sabe onde está, porque faz todo parte do mesmo sistema aquático e ecológico). Espero que continue a ser um território respeitado.

Como se sente agora que Pedro Teixeira vai ser homenageado no Brasil no dia 10?

Fico orgulhosa de saber desta homenagem a este grande vulto da história luso-amazónica. Acho que é tempo suficiente de fazer isso para lhe dar o reconhecimento devido. Este tributo nada mais é que uma obrigação do governante de Portugal e do Brasil de lhe prestar uma homenagem. A estátua dele em Belém do Pará foi erigida pelos habitantes e a Praça também se chama Pedro Teixeira. Existem muitas referências a ele no Brasil: hinos, praças, etc. O governo brasileiro editou cédulas do século XX com referência a ele.

O que pensa que podia ser feito para aumentar o reconhecimento desta história ao nível das escolas, do ensino?

Acho que o Ministério da Cultura deveria inserir Pedro Teixeira no curriculum escolar. Devia ser institucionalizado este prémio a Pedro Teixeira que a Portugal Telecom agora lança para promover o conhecimento sobre o seu percurso e impacto. Os alunos do secundário deveriam ter conhecimento disso.

Como é que os seus públicos reagem quando apresenta esta figura, que eles não conhecem?

Há uma reacção muito curiosa porque eles não conhecem. O impacto do documentário é enorme, prende a sua atenção. Felizmente eles assistem a tudo e ouvem a palestra com muita atenção. No final, na altura do debate, sentem-se quase tristes por não saberem que esta figura teve um papel tão importante no Brasil, sobretudo na Amazónia.

Prepara uma segunda edição, o que traz de adicional?

Se partir para uma segunda edição pretendo incluir os dois casamentos, a filha e a neta em Belém do Pará. O que ela desenvolveu, o tipo de agricultura e o casamento dela. Quero fazer uma árvore genealógica exacta e descobrir a data certa da sua chegada ao Brasil, porque sei que os portugueses não iam directamente para a Amazónia, iam para onde existiam conflitos.